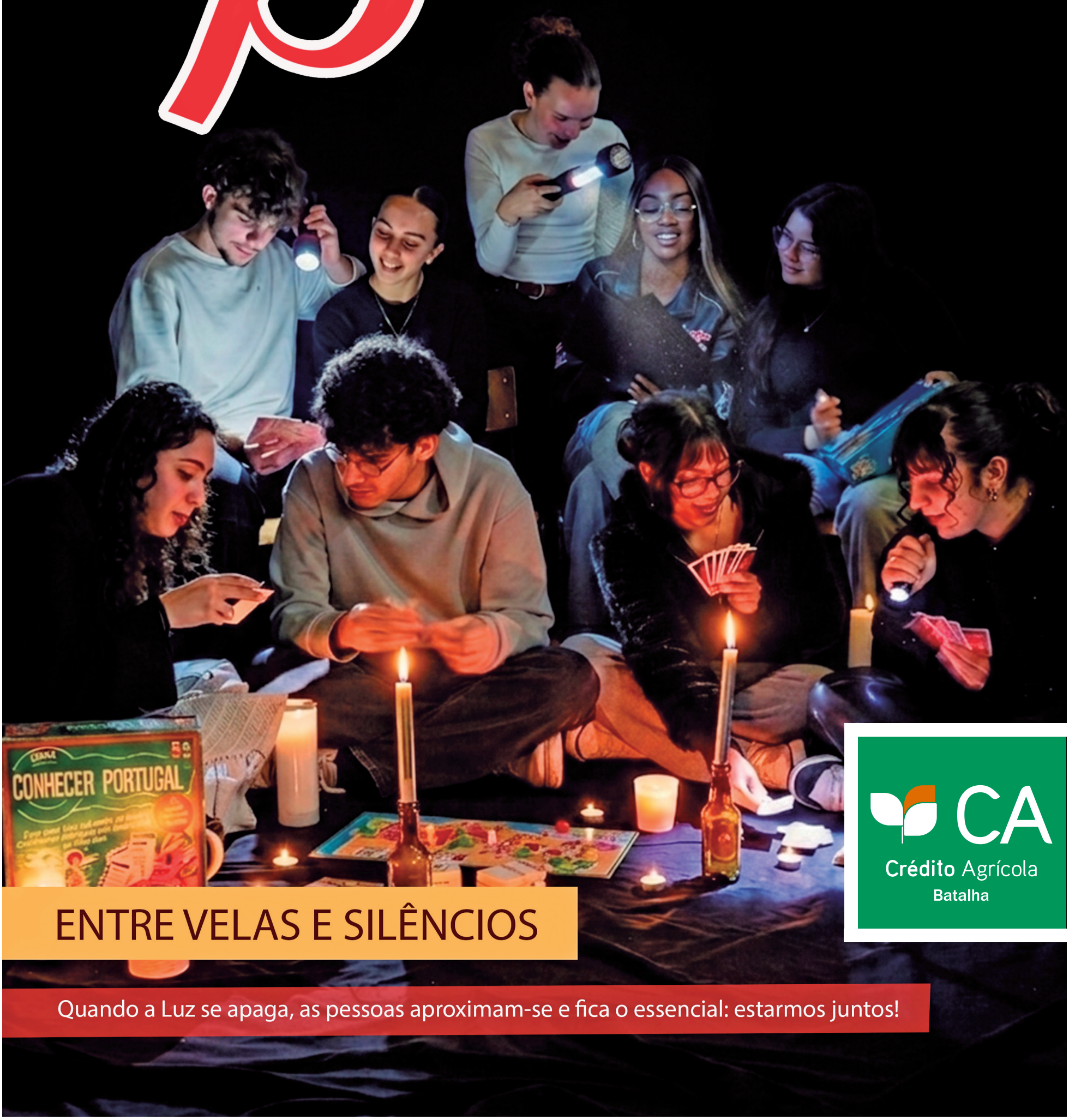
Pré-escolar
1.º ciclo
2.º ciclo
3.º ciclo
Secundário

Março 2026

50 Alfas

93alfabeto

JORNAL DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA BATALHA



ENTRE VELAS E SILÊNCIOS

Quando a Luz se apaga, as pessoas aproximam-se e fica o essencial: estarmos juntos!

CA
Crédito Agrícola
Batalha

EDITORIAL

À luz das velas, mais perto uns dos outros

Durante alguns dias, a tempestade Kristin trouxe consigo mais do que vento e chuva. A interrupção da eletricidade mudou rotinas, silenciou ecrãs e obrigou-nos a abrandar o ritmo de vida. Aquilo que parecia apenas um contratempo acabou por revelar algo curioso sobre a forma como vivemos e convivemos.

No nosso quotidiano, a comunicação acontece quase sempre através de mensagens rápidas, redes sociais e dispositivos eletrónicos. Estamos ligados ao mundo inteiro, mas muitas vezes desligados de quem está ao nosso lado. Quando a luz faltou e os ecrãs se apagaram, restou-nos algo simples e antigo: a conversa frente a frente.

À luz das velas, improvisaram-se jogos, partilharam-se histórias e surgiram momentos de verdadeira proximidade. O silêncio das notificações deu lugar ao som das vozes, das gargalhadas e das conversas que, tantas vezes, ficam adiadas pela pressa ou pela distração digital.

É verdade que a falta de eletricidade trouxe desconforto e dificuldades. No entanto, também nos recordou que a convivência não depende apenas da tecnologia. A ligação humana continua a existir para além dos cabos e dos ecrãs.

Talvez a maior lição destes dias seja simples: a tecnologia aproxima-nos de muitas formas, mas não substitui a presença, o diálogo e o tempo partilhado. Quando tudo se apaga, descobrimos que aquilo que realmente nos ilumina são as pessoas à nossa volta.

"Talvez a maior lição destes dias seja simples: a tecnologia aproxima-nos de muitas formas, mas não substitui a presença"

O ruído fala mais alto que o silêncio



Prof. Sérgio Barroso

Vivemos numa sociedade na qual o ruído parece ter-se tornado uma receita para o reconhecimento. Quem fala mais alto tende a ser visto e valorizado e a escola parece reproduzir esse estigma. E não falo do volume natural de jovens que comunicam, partilham, chamam, mas de uma intenção pessoal, individual, propositada, negativa ou positivamente.

Damos, muitas vezes sem perceber, mais valor aos que se fazem ouvir, seja pela participação regular e entusiástica, seja pela indisciplina ruidosa que perturba a aula. Desses fixamos os nomes e rostos. Já o silêncio é confundido com ausência, desinteresse ou incapacidade. Aquele que permanece em silêncio raramente é valorizado. O silêncio não exige nada, não interrompe, não desafia, não provoca... Por isso, corre o risco de ser ignorado, de ser invisível, de ser esquecido e não reconhecido. Como se chamam mesmo?

Porém, participar é também escutar, em silêncio, com atenção, refletindo, organizando o pensamento, sorrindo em concordância. Aprender é, muitas vezes, um processo silencioso. A compreensão não se mede pelo número de intervenções, mas pela qualidade da presença.

Ainda no silêncio, devemos promover uma pedagogia da escuta. Ensinar os alunos a ouvir verdadeiramente, a respeitar o tempo do outro e a acolher o silêncio como parte da comunicação.

Talvez seja útil, enquanto comunidade educativa, questionar: "Quem são os alunos que raramente ouvimos? O que sabemos sobre eles? Como avaliamos a sua participação? Será que confundimos silêncio com desinteresse? Será que deixamos escapar talentos porque não se manifestam ruidosamente?".

CRÓNICA

Falar nem sempre é comunicar

Escola Relacional é um novo projeto do nosso agrupamento que pretende mudar a visão sobre o processo de ensino-aprendizagem e a importância das relações significativas entre a comunidade escolar.

Vivemos num tempo estranho. A palavra "paz" é repetida todos os dias, mas raramente sentida. Fala-se de empatia, de respeito e de diálogo, enquanto à nossa volta crescem a pressa, a irritação e a distância entre as pessoas. Quando dizem à nossa geração para largar o telemóvel e olhar para o mundo real, ficamos a pensar: "Olhar para onde? Para um mundo cansado, impaciente, muitas vezes agressivo? Para relações que parecem cada vez mais frágeis?".



É precisamente neste cenário, onde todos falam de comunicação, mas poucos se entendem, que o projeto relacional aparece. Não surge como uma grande revolução barulhenta, antes como algo bem mais desconfortável: a lembrança de que aprender envolve pessoas. E as pessoas dão trabalho.

O projeto relacional parte de uma ideia quase provocadora nos dias de hoje: não há aprendizagem sem relação. Não basta haver professores que ensinam, alunos que aprendem e pessoal não docente que assegura que tudo funciona. A isto chama-se organização, escola é outra coisa. A escola pressupõe encontro, diálogo, partilha e, sobretudo, tempo, esse bem precioso que nunca temos, mas que curiosamente sobra para quase tudo o resto.

Ao colocar o relacionamento no centro da sua ação, este projeto cria pontes onde antes havia apenas corredores. Aproxima a escola da família, valoriza a individualidade e obriga-nos a fazer algo cada vez mais raro: olhar para o outro e dar-lhe a atenção devida. Num tempo em que criticar é frequente, optar por uma abordagem positiva das situações chega a parecer ingenuidade... quase.

No passado, a escola era comunidade. Hoje, é eficiente, funcional e cheia de formulários. O projeto relacional não quer acabar com este sistema educativo, apenas lembrar que, sem relações, ele funciona, mas não educa, não cria laços. E talvez seja essa a ironia maior: chamamos progresso a tudo, menos ao simples ato de estarmos verdadeiramente juntos.

Micael Sousa, 12.º A
Serhii Opanasenko
e Matilde Sousa, 12.º C

"Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem"

Padre António Vieira

Francisca Rafael
Beatriz Santos
Carolina Franco, 12.º B



Diretor: Luís Novais. Edição e coordenação: professoras Guida Roque e Fernanda Cardoso; José Durão. Fotografia: professor Sérgio Barroso e alunos. Colaboração: professores Rosário Cunha, Paulo Reis, Célia Cadima e Ramiro Rosa. Redação: alunos da Oficina de Jornalismo – 12.º A B C - e comunidade educativa. Paginação: João Bento. | Alfabeto online:https://true.publico.pt/alfabeto | Facebook Alfabeto – Jornal do Agrupamento de Escolas da Batalha | Contactos: Rua da Freiria, 2440-062 BATALHA; Telefone - 244 769 290; email geral - es3batalha@gmail.com

Nova liderança para a Associação de Estudantes



A Associação de Estudantes do AEB tomou posse em janeiro e o seu presidente, Rafael Carreira (12.º A) assume este cargo com o objetivo de aproximar os alunos, dar voz às suas preocupações e promover atividades. Partilha, agora, com o jornal Alfabeto, a origem da candidatura, os principais desafios e a importância do trabalho em equipa.

Como surgiu a ideia de criar uma lista candidata à AE?

Tudo começou após a campanha eleitoral do ano passado. Eu e o meu colega Salvador Patrão tivemos a ideia de criar uma lista e começámos por tratar alguns aspetos iniciais. Depois, fomos avançando até reunirmos os restantes elementos da nossa lista.

Quais foram as maiores dificuldades ao longo do processo?

Considero que foi manter unidas todas as pessoas da lista e penso que isso correu bastante bem. Durante a campanha, a organização acabou por ser muito stressante e ocupou grande parte do meu tempo.

Que qualidades consideras ter que te tornam apto para exercer este cargo?

Ter prazer naquilo que estou a fazer é bastante importante. Em termos de qualidades, considero ser bom a lidar com pessoas e ter ambição e paciência para organizar o trabalho de todos.

Construir uma boa equipa de trabalho é essencial para o sucesso?

Creio que seja a parte mais importante de tudo porque é com esta equipa que irei realizar o que idealizei, uma equipa com a qual será fácil de trabalhar e em que as relações entre as pessoas são positivas.

A nova AE compromete-se a implementar várias iniciativas, como a criação de uma caixa de recomendações, a realização de torneios desportivos e a organização do baile de finalistas dos 9.º e 12.º anos, reforçando o envolvimento e a participação dos alunos na vida escolar.

Mara Videira, Beatriz Alves, Beatriz Baptista e Lara Guerra, 12.º A

Equipa da Associação de Estudantes 2025/2026

PRESIDENTE:
Rafael Carreira (12.º A)

VICE-PRESIDENTE:
Mara Videira (12.º A)

TESOUREIRO:
Salvador Patrão (12.º A)

SECRETÁRIA:
Beatriz Alves (12.º A)

VOGAIS:
Martim Soares (12.º C), Enzo Santos (12.º A) Lara Guerra (12.º A)

ASSEMBLEIA GERAL:
Beatriz Baptista (presidente, 12.º A), Ana Costa (secretária, 12.º A), Mariana Oliveira e João Gil (vogais, 12.º A)

CONSELHO FISCAL:
Lara Sousa (presidente, 12.º A), Constança Piedade (secretária, 12.º A) Afonso Domingos (relator de contas, 12.º C)

Poesia e ciência de mãos dadas na Semana da Ciência e da Tecnologia



As turmas A e B, do 8.º ano, dinamizaram momentos dedicados à leitura da poesia de António Gedeão, poeta e professor que se destacou por unir a ciência e a literatura.

Durante a iniciativa, os alunos deslocaram-se a várias salas para darem voz a poemas mais conhecidos do autor, como "Pedra Filosofal", "Arma Secreta" e "Lágrima de Preta", revelando grande sensibilidade e entusiasmo.

Segundo a professora Célia Carreira, "esta atividade permitiu não só aprofundar o conhecimento da obra de António Gedeão, como também promover uma reflexão sobre a ligação entre a arte e a ciência, mostrando que as duas áreas podem caminhar lado a lado e enriquecer-se mutuamente". A participação empenhada dos alunos leitores e o interesse das turmas que os receberam contribuíram para "valorizar a criatividade, o conhecimento e o gosto pela poesia na nossa comunidade escolar", conclui.

Aluno do AEB recebe menção honrosa em concurso europeu de tradução

Tomás Tojeiro, aluno do 12.º ano do curso profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, foi distinguido com uma menção honrosa no concurso europeu de tradução Juvenes Translatores, promovido pela Comissão Europeia.

Na edição deste ano participaram 3070 alunos de 713 escolas dos 27 Estados-Membros da União Europeia, com traduções realizadas em 144 combinações linguísticas. Entre todos os participantes, apenas 341 alunos receberam menções honrosas, o que torna esta distinção particularmente significativa. Em Portugal, foram atribuídas apenas quatro menções honrosas.

Surpreendido com o reconhecimento, Tomás Tojeiro afirma: "Não estava mesmo à espera de receber esta menção honrosa. Fiquei muito feliz. É muito bom ver o meu esforço reconhecido desta forma."

Por sua vez, a professora Ana Guedes declara: "É com enorme satisfação que o AEB celebra esta distinção, um motivo de orgulho para toda a comunidade educativa, que vê assim reconhecido o talento e a dedicação dos seus estudantes".

Parlamento dos Jovens dá voz aos alunos e à democracia no AEB



A sessão escolar do Parlamento dos Jovens decorreu em janeiro, no AEBatalha, envolvendo alunos de várias turmas num exercício de participação cívica e democrática. A mesa foi constituída por Matilde Sousa (presidente), Filipe Cruz (vice-presidente) e Constança Moreira (secretária), alunos a quem coube conduzir os trabalhos, garantindo o bom funcionamento do debate e do processo eleitoral.

Os deputados das duas listas concorrentes, V e Impulse, reuniram-se para apresentar e discutir as respetivas moções, após o que se procedeu à eleição dos representantes que irão defender as propostas do AEB nas fases seguintes do programa.

Como deputadas efetivas foram eleitas as alunas do 11.º D, Rita Jorge e Carolina Santiago, ficando Clemente Sampaio como deputado suplente. Para a mesa distrital, foi escolhida Mafalda Valente, do 10.º C.

A sessão revelou-se bastante esclarecedora, destacando-se o espírito de equipa, o sentido de responsabilidade e a motivação demonstrados por todos os deputados. Iniciativas como o Parlamento dos Jovens reforçam a importância da educação para a cidadania, incentivando os alunos a participar ativamente na vida democrática e a refletir sobre temas de interesse coletivo.

Matilde Sousa, 12.º C
Micael Sousa, 12.º A

ENTREVISTA

“Continuem a ser curiosos, a fazer perguntas e a procurar a verdade, acima de tudo, sempre com respeito e com sentido crítico.”

Estas palavras são de uma antiga aluna que, no seu 10.º ano, iniciou uma participação ativa no jornal da nossa escola. Acreditamos que ouvir os outros nos ajuda a aprender e a continuar o projeto Jornal Alfabeto com entusiasmo. A entrevista resulta de um *podcast* publicado no Facebook do AEBatalha, a 26 de dezembro de 2025, o qual pode ser visto na íntegra em: https://www.facebook.com/reel/25042129785483733

A nossa entrevistada chama-se Célia Santos, tem 49 anos e é advogada. Com ela, vamos conhecer um pouco da história do nosso jornal, uma publicação que já conta com várias décadas de vida.



Pode explicar-nos como surgiu a ideia de criar o Jornal Alfabeto?

Eu não fiz parte do Jornal Alfabeto propriamente dito, porque houve alteração do nome. O projeto jornalístico em que participei iniciou-se no ano letivo de 1990/1991, no âmbito do projeto Escola Integrada, que desenvolveu o Clube de Jornalismo e o jornal da escola, um jornal muito rudimentar, tirado em fotocópias, chamado “Ardina”. Depois, em 1991/1992, quando começámos a ter na nossa escola a vertente Humanidades, foi lecionada a disciplina de Iniciação ao Jornalismo. Com a professora desta nova disciplina, fomos incentivados a desenvolver o projeto do jornal e, nessa altura, passou a chamar-se “Toque de Saída”. O número um foi publicado em fevereiro de 1992. Desconheço como surgiu o nome “Alfabeto”, o jornal que hoje existe na escola. No número um do “Toque de Saída”, faz-se uma breve história do Clube de Jornalismo. Refere-se que nasceu no ano letivo de 1990/1991, no âmbito do projeto Escola Integrada, e que as suas orientadoras eram as professoras Ana Luísa, Fátima Gaspar, Helena Susano e Fátima Clarisse.

No seu tempo de aluna, como funcionava o projeto de jornalismo? Quem participava nele? Quem orientava o trabalho? O que faziam os alunos?

No âmbito da Iniciação ao Jornalismo, quem participava no jornal eram maioritariamente os alunos da disciplina. No editorial diz-se, precisamente, que os alunos do 10.º D eram os redatores. Além da turma e das professoras orientadoras, tínhamos também alguns colaboradores, outros alunos da escola que faziam redação e entrevistas. Elaborávamos os textos e havia alunos que tiravam fotografias.

Que materiais e recursos utilizavam para fazer o jornal, tendo em conta que ainda não existiam computadores nem recursos digitais?

O que nós utilizávamos, quando saíamos para o terreno fazer reportagens e entrevistas - chegámos a fazer várias entrevistas, não só no âmbito escolar, mas também a pessoas da comunidade -, levávamos sempre o gravador. Depois, ao redigirmos os textos, ouvíamos horas infinitas de gravação e escrevíamos tudo à mão. Quem fazia a correção eram as coordenadoras do projeto. Mas era tudo feito à mão. Enquanto alunos de jornalismo, queríamos levar o projeto mais a sério, numa vertente mais profissionalizante, por isso contactámos algumas entidades do nosso concelho, nomeadamente a Gráfica da Batalha. Na altura, integrei o grupo que foi apresentar o projeto ao diretor desta empresa e, a partir daí, a Gráfica aceitou fazer a impressão do jornal como um verdadeiro jornal. Além deste, também tivemos apoios de outras entidades. Recordo-me, entre outras, da Caixa de Crédito Agrícola da Batalha. Fizemos uma entrevista ao diretor, o Sr. João Ramos, que apoiou e financiou o nosso projeto desde o primeiro momento. Aliás, ainda hoje a Caixa continua a financiar e a acompanhar as publicações do Alfabeto.

> *“O que eu sinto é um enorme orgulho. Saber que um projeto iniciado há 34 anos e que ainda hoje se mantém é muito significativo”*

Quais eram as maiores dificuldades que enfrentavam ao fazer o jornal? E como as ultrapassavam?

As maiores dificuldades eram, muitas vezes, a falta de recursos. Hoje, enquanto jornalistas do Alfabeto, vocês têm todas as tecnologias, computadores, Chat GPT... Nós não tínhamos absolutamente nada. Tudo partia da nossa iniciativa e da nossa cabeça. Escrevíamos tudo à mão... era tudo muito demorado. Foi também graças à vontade e ao trabalho das professoras orientadoras, a quem agradecemos, que conseguimos ultrapassar as dificuldades. Elas tinham o trabalho maioritário e mais moroso: composição, paginação e revisão. Só depois o jornal seguia para a impressão. Nós, enquanto alunos, fazíamos sobretudo a recolha de informação e as entrevistas.

A experiência como jornalista escolar ajudou-a na sua vida futura?

Ajudou muito. É uma experiência que ainda hoje recordo com muita saudade e alegria. Foi um projeto em que participei durante três anos que me deu ferramentas importantes. Ajudou-me essencialmente no desenvolvimento do espírito crítico e na análise da informação, a não aceitar apenas aquilo que nos é dito, mas procurar a verdade. Uma das coisas de que me recordo muito é como se compõe uma notícia. Saber comunicar a mensagem que se tem de passar ao leitor de forma curta, clara e concisa é fundamental. São ferramentas e pilares que se adquirem enquanto jornalistas mais jovens e que depois nos acompanham pela vida fora. Foi uma experiência enriquecedora ao nível pessoal e profissional. No âmbito das entrevistas, contactamos com outras pessoas e vamos aprendendo a ouvir. Hoje, as pessoas, muitas vezes, não sabem ouvir nem aceitar as opiniões dos outros, diferentes. Tudo isto ajudou imenso a criar princípios e valores.

O que sente ao ver que o jornal escolar ainda existe passados tantos anos?

O que eu sinto é um enorme orgulho. Saber que um projeto iniciado há 34 anos e que ainda hoje se mantém é muito significativo. Penso que é uma continuidade muito interessante, porque há uma série de pessoas a mantê-la. Muitas vezes não se vê o trabalho dessas pessoas. É com enorme orgulho, saudade e alguma nostal-



gia que olho para o projeto e vejo que se mantém. Acho que é fundamental porque liga o passado, o presente e o futuro e isso é muito reconfortante. É uma alegria imensa estar aqui, hoje, a ser entrevistada por ti. Esta entrevista obrigou-me a fazer uma viagem no tempo. As experiências estavam guardadas no baú da memória e eu já não me recordava de muitas coisas. Foi muito giro recordá-las. Obrigada pelo convite.

Quer deixar uma mensagem aos atuais e futuros jornalistas do nosso Alfabeto?

Gostaria de deixar uma mensagem aos pequenos grandes jornalistas de hoje e, quem sabe, jornalistas do futuro, porque muitos poderão continuar nesta profissão. Valorizo o que estão a fazer e deixo uma mensagem de incentivo e confiança. Continuem a ser curiosos, a fazer perguntas e a procurar a verdade, acima de tudo, sempre com respeito e com sentido crítico. Estes pilares e ferramentas que adquirem no jornal são fundamentais e serão muito importantes para a vida futura.

Para terminar, há alguma pergunta que gostaria que eu lhe tivesse feito e não fiz? Qual seria a pergunta e qual a resposta?

Essa é uma pergunta curiosa e desafiante. Uma pergunta que não me fizeste, mas que também é importante, seria: "O que sentiu ao revisitar o seu percurso escolar ao preparar esta entrevista?". Esta preparação foi uma autêntica viagem no tempo. Fez-me recuar a situações, episódios e momentos giríssimos e muito enriquecedores que estavam bem guardados. Recordar estas experiências permitiu-me perceber o quanto elas contribuíram para quem sou hoje, tanto ao nível pessoal como profissional. Foi um exercício que me fez dar verdadeiras gargalhadas com algumas amigas, a quem recorri para ir libertando memórias que estavam lá "calcadas", e valorizar ainda mais o caminho que fui percorrendo ao longo destes anos.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e por partilhar connosco as suas memórias e experiências. Esperamos que as suas palavras inspirem os alunos de hoje e de amanhã e que tragam boas memórias a quem já passou pela nossa escola.

Maria Leonor Santos, 6.º A

OS NOSSOS NO PAÍS E NO MUNDO

Da escola da Batalha à investigação internacional



André Clérigo, antigo aluno do AEB, obteve recentemente o grau de mestre em Engenharia de Computadores e Telemática, pela Universidade de Aveiro. A sua tese rendeu-lhe o prémio IEEE Portugal Outstanding MSc Thesis 2024, uma distinção nacional de elevado prestígio. Atualmente, prepara o doutoramento em Informática e desenvolve investigação no Instituto de Telecomunicações. Ao longo do seu percurso, colaborou ainda com instituições de referência internacional, como o Instituto de Tecnologia de Karlsruhe, na Alemanha, e a Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, tendo já publicado diversos artigos científicos.

Em conversa com o Alfabeto, define a sua trajetória como "emocionante, mas cansativa" e partilha "memórias simples" da sua passagem pela escola, como os jogos de futebol durante os intervalos. Realça também a forte influência do professor Paulo Portugal no seu percurso académico.

Após o ensino secundário, o maior desafio foi sair da sua zona de conforto. Ainda assim, a curiosidade e o interesse pelo estudo foram sempre os seus principais impulsionadores.

Aos estudantes, deixa um conselho: "Não escolher um curso apenas por influência social ou pelo prestígio da instituição. O mundo não pode ser só engenheiros e gestores, e a verdade é que, em termos de carreira, essa nem sempre é a melhor decisão. Trabalhar naquilo de que se gosta é meio caminho andado para deixar de encarar a profissão como um simples trabalho."

Mais do que ser lembrado, André Clérigo acredita que o essencial é que cada aluno faça o melhor que sabe e siga um caminho que o torne feliz, pois "é assim que se constroem percursos sólidos e realizados".

Filipe Deniz, Santiago Moreira e Sofia Pires, 12.º B

Da Oficina de Jornalismo ao Direito



Bruna Vala, antiga aluna da Oficina de Jornalismo, seguiu os seus estudos superiores na área de Direito, em Lisboa, considerando essenciais as competências de comunicação oral e escrita desenvolvidas na nossa escola.

A sua experiência académica ganhou maior dimensão com um semestre de Erasmus em Budapeste, que descreve como "um desafio enriquecedor, marcado pelo contacto com novas culturas, maior autonomia e mais tempo para refletir sobre o futuro". Pretende prosseguir a vida académica para graus superiores, com o objetivo de construir uma carreira que lhe traga realização pessoal.

Aos alunos que estão a terminar o ensino secundário, deixa um conselho simples: "Entrar no ensino superior de mente aberta e preparados para uma das etapas mais transformadoras da vida".

Tiago Vala

No Desporto Escolar, participação, resultados e valores fazem a diferença

O Desporto Escolar voltou a afirmar-se como um ponto forte na vida do AEB, com grande participação, bons resultados e valores exemplares. Realizaram-se várias atividades que promoveram o espírito desportivo, o convívio e a partilha, contribuindo para o desenvolvimento de competências físicas, técnicas e sociais.

No Corta-Mato, os alunos marcaram presença nas fases local, distrital e nacional. Na fase final CLDE Leiria, destacaram-se Afonso Silva (9.º D), vencedor no escalão Iniciados, Yara Aguiar (8.º H), 2.º lugar em Iniciadas, e Guilherme Silva (6.º D), 3.º lugar em Infantis B. Coletivamente, várias equipas alcançaram os primeiros lugares, confirmando a qualidade dos atletas. O professor Pedro Sousa esclarece que esta modalidade "é um evento de enorme tradição nas escolas portuguesas que mobiliza a comunidade educativa e gera grande entusiasmo". Refere também que os seus principais objetivos são "promover hábitos de vida saudáveis, incentivar a prática regular de atividade física e desenvolver valores como a perseverança e o espírito de equipa". Entre os desafios, destaca a "exigência física da prova e a necessidade de motivar os alunos a participarem de forma positiva e segura". Na sua opinião, esta modalidade traz benefícios para a saúde, como "a melhoria da condição física, da resistência e do bem-estar geral".

No Xadrez, houve elevada participação nas concentrações e bons resultados, ficando uma delas marcada pela homenagem ao querido professor Francisco Fonseca, cujo legado permanece vivo no Clube de Xadrez.

Na modalidade inclusiva de Boccia, os alunos obtiveram bons resultados, com destaque para Dinis Castela (6.º E), 2.º lugar na 2.ª concentração CLDE Leiria.



No Basquetebol 3x3, o torneio interno reuniu mais de 250 alunos. Para além dos vencedores por escalão, merece especial destaque a atribuição do Cartão Branco aos alunos João Novo, Orlando Sales, Thiago Laudiano e Tiago Martins, do 10.º F, pelo seu gesto exemplar de espírito desportivo.

Também as modalidades de Ténis de Mesa, Voleibol, Futsal, Badmínton, Ultimate Frisbee, Padel e Natação ficaram marcadas pelo empenho, evolução dos atletas e afirmação dos valores do Desporto Escolar.

Clubes do AEB desafiam os alunos a ir mais longe

Os clubes desempenham um papel fundamental na vida escolar. São espaços abertos a novas aprendizagens, partilhas e crescimento pessoal que permitem aos alunos explorar interesses, descobrir talentos e desenvolver competências complementares à sala de aula. Na nossa escola funcionam diversos clubes, adequados aos gostos de cada um: científicos, tecnológicos, culturais, desportivos e solidários. De forma prática e colaborativa, os alunos têm, assim, a oportunidade de desenvolver a criatividade, o espírito crítico, o trabalho em equipa e a responsabilidade.



O Viv@Ciência, Clube de Ciência Viva do agrupamento, promove o conhecimento científico em contexto escolar. Segundo a professora Ana Barraca, coordenadora deste clube, "o primeiro objetivo é levar a ciência aos jovens, motivá-los para fazer coisas diferentes", destacando projetos como o "Racing Team" e o "Preparados para o futuro?!". Durante o primeiro semestre, foram dinamizadas palestras sobre a IA - Potencialidades e Constrangimentos, com o professor Marco Neves, e o *workshop* "Algas marinhas e respetivas utilidades", orientado pelo Dr. Leonel Alves da Universidade de Coimbra.

Por sua vez, o Clube de Robótica, coordenado pelo professor Paulo Reis, promove o conhecimento tecnológico, dando a oportunidade aos seus fre-quentadores de construir e programar, de raiz, um robô. Este clube, ainda em fase de crescimento, pretende alargar a sua ação a turmas dos 2.º e 3.º ciclos.

Entre os clubes culturais, destacam-se o de Francês, coordenado pelo professor Vasco da Silva, e o Europeu, assegurado pela professora Liliana Gomes. Este último fez história ao conquistar o primeiro prémio nas Olimpíadas da União Europeia.

Merece destaque também o Clube de Xadrez, de caráter desportivo, organizado pelo professor Paulo Portugal. Os xadrezistas do nosso agrupamento foram alvo de elogios numa concentração na Escola Básica 2, 3 José Saraiva, em Leiria, por não terem perdido uma única partida.

O Clube Ubuntu, orientado pela educadora social Ivânia Alexandre, dinamiza, todos os anos, as Semanas Ubuntu para os alunos que ingressam no 10.º ano. Durante cinco dias, os estudantes trabalham competências fundamentais do desenvolvimento humano: autoconhecimento, autoconfiança, resiliência, empatia e serviço. Este clube, com uma vertente solidária, assenta na filosofia "Eu sou porque tu és".

Constança Moreira, Filipe Cruz, Joana Sousa e Simone Cardoso, 12.º B

Projeto STEP 1 mobiliza alunos em ações de tecnologia, solidariedade e voluntariado

As turmas D e E, do 12.º ano, dos cursos profissionais de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e Técnico de Comunicação e Serviço Digital, têm desenvolvido várias iniciativas de caráter solidário e formativo, no âmbito do Projeto STEP 1 - Projeta o teu Futuro.

Uma delas decorreu no Centro Infantil Moinho de Vento, onde estes alunos dinamizaram momentos de aprendizagem e diversão com as crianças da educação pré-escolar permitindo-lhes um primeiro contacto com a tecnologia, de forma lúdica e adequada à idade, utilizando robôs educativos Blue-Bot. O encontro incluiu uma divertida *passerelle*, na qual os mais pequenos desfilaram modelos em ambiente marcado pela criatividade e animação.

Outra iniciativa levada a cabo foi a campanha de recolha de alimentos não perecíveis a favor do Banco Alimentar, que reuniu 437 quilos de produtos, graças à colaboração de toda a comunidade educativa.

Os alunos participaram ainda numa sessão de reflexão sobre o voluntariado, com a presença da enfermeira Diana Cordeiro e da professora Júlia Ligeiro, que partilharam as suas experiências e incentivaram os jovens a refletir sobre a importância do envolvimento cívico.

De acordo com as professoras envolvidas no projeto, Ana Guedes e Conceição Santos, com estas iniciativas, o AEB reforça a importância da participação cívica, da solidariedade e do contacto com a comunidade como parte essencial da formação de jovens cidadãos conscientes, responsáveis e preparados para o futuro.



Erasmus+ abre a nossa escola à Europa



No âmbito do programa Erasmus+, o AEB tem vindo a reforçar a sua dimensão europeia através de múltiplas mobilidades que envolvem alunos e docentes de diferentes níveis de ensino.

Em França, alguns alunos do 3.º CEB participaram numa mobilidade centrada no diálogo intercultural, inclusão e cidadania europeia, enquanto as professoras realizaram "job shadowing", contactando com práticas pedagógicas inovadoras. Em breve, o agrupamento acolherá os parceiros franceses, aprofundando esta cooperação.

Ao nível do ensino profissional, têm-se destacado as mobilidades em Itália e Espanha, onde alunos realizaram Formação em Contexto de Trabalho e docentes acompanharam estágios e observaram metodologias de ensino, promovendo a internacionalização e a inovação educativa.

O AEB recebeu ainda alunos e professores estrangeiros, dinamizando atividades STEAM, culturais e ambientais, e participou em encontros interculturais que reforçaram valores como a partilha, a inclusão e o respeito pela diversidade.

Estas experiências confirmam o Erasmus+ como um programa que estimula a aprendizagem, o crescimento pessoal e a abertura ao mundo, preparando os nossos alunos para uma cidadania ativa, europeia e global.

Equipa Erasmus+ Escolar



Alunos são desafiados a mostrar olhares artísticos sobre a globalização cultural

No âmbito da Cidadania e Desenvolvimento, os alunos do 10.º C, do Curso de Artes, na disciplina de Geometria Descritiva, realizaram uma atividade dedicada ao tema "Pluralismo e Diversidade Cultural".

Numa conversa prévia, a turma refletiu sobre os efeitos da globalização na cultura, abordando vantagens e desvantagens e de como este fenómeno pode levar à homogeneização cultural (quando tudo se torna parecido), à diferenciação (quando as culturas mantêm as suas características próprias) ou até à fragmentação cultural. Em seguida, foram desafiados a criar individualmente uma obra artística que expressasse uma posição crítica sobre o mundo atual e a forma como as culturas convivem, se misturam ou se afastam umas das outras. O trabalho selecionado ilustra um produto final significativo.

E para si, leitor do Alfabeto, a cultura deve ser homogénea, diferenciada, fragmentada ou uniforme?

Prof. Ramiro Rosa

VEMOS, OUVIMOS E LEMOS

Série "*Adolescence*"

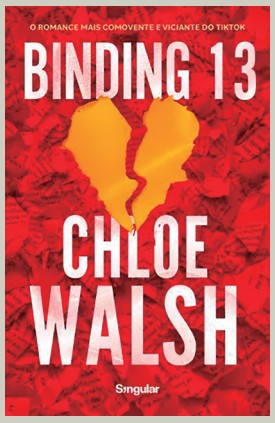


Um adolescente de 13 anos é o protagonista do drama "Adolescence", uma série intensa que retrata a juventude atual e mostra os desafios com que se vê confrontada. Apresenta situações próximas da realidade, como a pressão social, os conflitos nas relações interpessoais e a descoberta de quem somos.

Ao longo dos vários episódios, sempre surpreendentes, somos transportados para um mundo de bailes, escândalos e romances proibidos a par de problemas emocionais e pessoais vividos pelas personagens.

Esta é a escolha certa para quem gosta de histórias juvenis cheias de emoção e de reflexões sobre a fase mais difícil da vida, a do crescimento.

Livro "*Binding 13*", de Chloe Walsh



Neste livro, o leitor acompanha a história de uma jovem tímida e misteriosa chamada Shannon que, desde pequena, enfrenta problemas tanto em casa como na escola. Esta vida difícil leva-a a matricular-se no colégio de Tommen, na esperança de encontrar um ambiente mais tranquilo e seguro, no entanto, após um encontro inesperado, tudo parece desmoronar-se. É então que aparece Johnny Kavanagh, capitão da equipa de râguebi, que dá uma reviravolta ao seu mar de problemas.

Esta história marcante leva o leitor para um mundo repleto de emoções e de temas como o *bullying*, a saúde mental e a violência doméstica, sendo o primeiro da série "Boys of Tommen", e destaca-se por ser uma leitura envolvente, recomendada para quem gosta de histórias de superação.

Constança Moreira, Filipe Cruz, Joana Sousa e Simone Cardoso, 12.º B

Camões... sempre!



No dia 23 de janeiro, data presumível do meu nascimento, fui convidado pelas bibliotecas escolares do país para comemorar, uma vez mais, a minha poesia, numa atividade denominada, "Ler Camões". Tive o privilégio de visitar e dizer muitos dos meus poemas no espaço da biblioteca, junto do diretor do agrupamento, na sala dos professores e no espaço Qualifica. Também alguns alunos desta escola tiveram a iniciativa de declamar as minhas composições líricas, o que muito me honrou.

Fui calorosamente recebido por alunos e professores, que me prometeram nunca esquecer o maior poeta português de todos os tempos... até porque os séculos passam, mas Camões fica!

Luís Opanasenko Serhii de Camões, 12.º C



Um palco cheio de sonhos com "Carochinha Pó de Encantos"

Em janeiro, Os Dramatecos, o grupo de teatro da nossa escola, apresentaram a peça original "Carochinha Pó de Encantos", no Auditório Municipal da Batalha, perante uma plateia de crianças dos 1.º e 2.º anos da Escolas Básicas da Batalha e da Rebolaria. O texto dramático, escrito e encenado pela professora Rosário Cunha, teve como base o conto infantil "História da Carochinha" a que se juntaram "O Principezinho" e "Maria Pó de Estrelas".

Este espetáculo teatral, além de proporcionar momentos de dança e canto, permitiu que os espetadores refletissem sobre a importância de desvendar o potencial que cada um de nós tem para brilhar e inspirar, já que somos todos feitos de "pó de estrelas e de sonhos".

Após o espetáculo, houve confraternização entre os atores e o seu público, num tempo de verdadeira partilha, contribuindo para uma escola que se quer cada vez mais relacional.

Pelas palavras dos nossos atores, "foi uma experiência gratificante e única", "uma oportunidade para fazer novas amizades" e "compartilhar boa disposição".

Tanto os mais novos como os mais velhos foram unânimes em considerar o sucesso e o valor desta peça pelos temas que abordou e que tanta importância têm para a formação das crianças e dos adultos.

Matilde Sousa, 12.º C
Martim Pinheiro, 12.º B

Ulisses sobe ao palco e leva o 6.º ano numa viagem cheia de aventuras e aprendizagens

As turmas do 6.º ano assistiram ao espetáculo teatral "Regresso a Ítaca", no polivalente da escola, sendo recebidos por Ulisses, da companhia de teatro Educa!.

A viagem de regresso do herói, após a guerra de Troia, escrita por Homero na obra "Odisseia", é uma história de aventuras e desventuras, contada por Maria Alberta Menéres no livro "Ulisses" e, agora, recontada em palco.

Durante a representação, os alunos tiveram a oportunidade de interagir com os atores, num ambiente de grande entusiasmo e gargalhadas devido à forma criativa como o grupo teatral adaptou a obra ao gosto do público. Miguel Paulo, um dos alunos convidados para subir ao palco, recorda: "Senti vergonha e ansiedade porque não sabia o que fazer e fiquei muito nervoso por perceber que todo o público estava a olhar para mim". Os cenários, a música e a linguagem moderna também captaram a atenção e contribuíram para tornar única esta experiência. "Na nossa opinião, as cenas mais cativantes foram quando a deusa Atena ofereceu a erva da vida a Ulisses e quando ele foi atado ao mastro do navio para ouvir o canto das sereias", afirmam alguns alunos. "A interação com o público foi a melhor parte e também foi engraçado recorrerem a algumas músicas atuais para tornar a peça mais divertida", declaram outros.

O 6.º ano aprendeu grandes lições de vida com a leitura da obra, nas aulas de Português, e com a encenação teatral desta companhia: "Sem trabalho, não vamos a lugar nenhum"; "O mais importante é ter coragem para derrotar os nossos medos e não desistirmos dos nossos sonhos, por mais difíceis que eles sejam".

Foi uma manhã bem passada. Os alunos divertiram-se, valorizaram a oportunidade de assistir a uma peça de teatro na sua própria escola e aprenderam de uma forma diferente.

No final, a nossa turma conversou com os atores, numa espécie de conferência de imprensa, ficando a saber que, para se ser ator ou atriz, é preciso "10% de talento, 10% de sorte e estudo e 80% de trabalho".

Alunos do 6.º A



Descubra novas oportunidades de qualificação no Centro Qualifica

O Centro Qualifica do AEB disponibiliza diversas oportunidades de educação e formação para adultos que pretendem melhorar as suas qualificações escolares e profissionais. Este serviço é gratuito e destina-se a apoiar todos os que desejam concluir níveis de escolaridade, desenvolver competências ou encontrar o percurso formativo mais adequado às suas necessidades.

Entre as opções disponíveis destacam-se os processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), dirigidos a adultos cuja experiência de vida e profissional permite demonstrar competências equivalentes aos níveis de ensino básico ou secundário (4.º, 6.º, 9.º ou 12.º ano). Existe também o Curso de Educação e Formação de Adultos (EFA) - Tipo C, que possibilita a conclusão do ensino secundário em regime misto, combinando sessões presenciais e *online*, com horário pós-laboral e duração aproximada de cinco meses.

Para cidadãos estrangeiros, o centro oferece ainda cursos de Português Língua de Acolhimento (PLA), nos níveis A1, A2, B1 e B2, com 75 horas de formação por nível. Além destas ofertas, estão disponíveis Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) e outras vias de conclusão do ensino secundário, bem como orientação personalizada para escolher o percurso formativo mais adequado.

Equipa de alunos do AEB ruma a Bruxelas para festejar vitória europeia

Cinco alunos do AEB alcançaram o primeiro lugar na V edição das Olimpíadas da União Europeia no ano em que Portugal celebra 40 anos da UE. A equipa, constituída pelos alunos Miguel Serra (12.º A), Inês Costa, Mariana Vieira, Matilde Sousa e Serhii Opanasenko (12.º C), acompanhada pelas professoras Rita Pitacas e Liliana Gomes, foi apurada após ter demonstrado as suas capacidades em várias provas.



Na primeira fase, os concorrentes resolveram um questionário com vinte perguntas de escolha múltipla sobre a União Europeia, que lhes valeu boa classificação ao nível escolar. Na segunda fase, a propósito da temática "Segurança e Defesa", foram desafiados a dar uma resposta a uma pergunta complexa: "Por que é que os países da União Europeia estão a apostar no aumento do investimento em defesa e de que forma esse reforço pode ser feito sem pôr em causa os direitos humanos, a cooperação internacional ou o apoio a áreas sociais como a saúde e a educação?".

Entre os treze grupos participantes e bem preparados, distinguiu-se a equipa da nossa escola para quem o concurso "foi trabalhoso e desafiador, mas, ao mesmo tempo, muito enriquecedor". Para a professora Liliana Gomes, "esta vitória enche de orgulho a comunidade educativa e reforça o espírito europeu da escola".

O prémio? Uma viagem a Bruxelas e uma visita ao Parlamento Europeu.

Matilde Sousa, 12.º C
Martim Pinheiro, 12.º B

